

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

Diretor-Recator-Chefe: ROBERTO MARINHO

ANO LXV — RIO DE JANEIRO, SÁBADO, 25 DE NOVEMBRO DE 1989 — Nº 20.457

DANÇA/Crítica

O irrepreensível Pederneiras

ANTONIO JOSÉ FARO

Todos os candidatos a coreógrafo deviam assistir várias vezes o trabalho de Rodrigo Pederneiras com o Grupo Corpo, e aprender a fazer dança, pois faz quem tem talento e criatividade para por dança no palco. Além de uma musicalidade impar, que lhe permite inclusive conjugar as composições que usa com movimento paralelo, que completa e exuda as melodias, em lugar de tentar subjugá-las ou transformá-las em servas de seu trabalho, Pederneiras soma uma série de qualidades, que o levaram a um pináculo de onde dificilmente cairá. Um uso magistral do espaço cênico, conhecimento pleno dos diversificados talentos de um elenco dedicado, artista, e que cresce a cada apresentação são outras de suas imensas qualidades. Com ele, o bailarino dança inteiro, e nas suas coreografias os movimentos de braço, tronco e cabeça assumem a mesma importância das pernas, o que é raro na maioria dos coreógrafos.

Tanto em "Canções", quanto na "Missa do Orfanato", estreadas ontem no Municipal, Rodrigo cria dois climas de excepcional densidade, onde a morte é soberana, primeiro como resultado final de tranquilidade da vida, depois como carrasca de um grupo humano oprimido, sem opções, onde é fuga ao sofrimento terreno. Lindos trajes de Freuza Zechmeister e cenários exemplares de Fernando Velloso, completam um visual de grande, perfeito impacto, que somados às luzes primorosas de Paulo Pederneiras, vestem de forma definitiva duas das melhores coreografias jamais feitas no Brasil, interpretada pela, hoje, nossa melhor porque mais criativa e inteligentemente dirigida companhia.